



“Uma mentira na eternidade”

“Por favor, parem o Universo. Quero apear-me.”

Anónimo

O professor Fagundes Migalha apanhou varicela no mesmo dia em que, no céu, apresentaram a Deus o relatório final sobre o comportamento dos homens, o propósito da fé e os destinos da alma. No céu e na terra, explodiu então quase em simultâneo, um cataclismo de indecisões que deixou em suspenso o futuro da humanidade.

Na terra, as aulas estavam a começar por todo o hemisfério Norte, e o professor Fagundes Migalha, que em trinta e três anos de docência nunca tinha faltado a uma apresentação aos alunos, viu-se confinado à solidão do T1 que alugou após o divórcio e às pantufas puídas que faziam lembrar-lhe o desgaste da profissão. Tal como as pantufas, o ânimo do professor apresentava buracos por cima, por baixo e pelos lados, além de arrastar atrás de si alguns fios de desprendimento.

Mas a solidão provocou um efeito devastador. Ao contemplar as pantufas e ao verificar diante delas o paralelo que traçavam com o interesse que nos dias de hoje se atribui ao conhecimento adquirido, à ciência e à apetência pelas artes, correu-lhe uma lágrima pela face esquerda, talvez ali despejada pelo diabo.

Fez um chá. Desligou a televisão que mal lhe servia já para saber como ia o mundo, e esperou que no calor da caneca, encontrasse a exactidão de um pensamento útil, o conforto de uma certeza ou até um sinal do além disfarçado de coisa miúda.

Nada lhe ocorreu. Deu então duas voltas à sala e parou em frente à porta da varanda. Abriu-a e achou-se diante da imensidão dos quintos andares de onde se avistam outros quintos andares, além do recorte dos telhados que enchem de bicos a linha do horizonte. Era noite. Tentou sacudir o vazio a olhar para as estrelas durante uns dez minutos e quando já se lhe acrescentava ao espírito a desolação de não ver nenhuma estrela cadente, sentiu comichão na testa. Coçou e percebeu que tinha rebentado a primeira bolha de varicela.



Entrou na sala e foi até ao espelho da casa de banho. Não teve alternativa. Pegou no betadine e pontuou a primeira mancha no alto da testa. Suspirou.

Voltou à varanda e ao vazio da noite sem estrelas cadentes. Deixou correr meia hora. Pouco depois, viu três adolescentes na rua que se aproximavam e espreitavam para o interior dos carros estacionados. Ficou à espera que passassem e que o incómodo daquela dispersão fosse breve. Mas os adolescentes pararam junto do carro do professor. Olharam e um deles tirou do bolso uma chave de fendas que começou a tentar introduzir na fechadura da porta dianteira. O professor sentiu correr-lhe uma centopeia pelo esófago e teve um gesto irreflectido: pegou no vaso com uma sardinheira que tinha sido deixado pela inquilina anterior e apontou-o à calçada. No segundo seguinte, deixou-o cair.

O vaso a quebrar-se na calçada fez o estrondo dos trovões de Verão e os rapazes correram em todas as direcções. Várias pessoas vieram à janela e o professor escondeu a cabeça. Deixou-se ficar. Quando a noite recuperou a serenidade, o professor emergiu do fundo da varanda e olhou para o céu. Tremia. Não sabia se ele ou o céu. E correu-lhe mais uma lágrima. Então, olhou para o amontoado de estrelas mais visível do firmamento e sussurrou: “por favor, parem o Universo. Quero apear-me.”

No céu, este clamor subtil foi escutado de forma um pouco equívoca, já que o relatório sobre a fé dos homens ocupava os espíritos como numa grande multinacional se esmiúçam os relatórios de vendas. Havia confusão. Mesas de reuniões com entidades diversas a folhear páginas cheias de gráficos e portas a bater, numa azáfama de reestruturação iminente.

Foi então que na sala do último andar, alguém chegou ao topo da mesa mais longa e fez notar à Entidade Suprema que era necessário agir de imediato.

- Talvez pudéssemos começar por ouvir a prece deste professor...

A Entidade Suprema levantou os olhos. Primeiro para a folha de papel em que o assessor levava a frase escrita e logo a seguir para os olhos do próprio assessor, que vazavam laivos de esperança.

- Mas parar o universo como? O universo está em expansão acelerada. As consequências seriam incalculáveis. Até para mim.

O assessor tentou então fazer parte da solução e não parte do problema



- Talvez o professor deseje apenas que pare o mundo... A terra...

A Entidade Suprema recostou-se – Bom... Isso já é outra conversa.

- Claro, teríamos de recalcular apenas os destinos de seis mil milhões.

- Claro...

Com a máquina de calcular ao lado, a Entidade Suprema fez uma operação rápida e voltou a olhar para o assessor.

- Temos de parar também a lua!

- E porque não?

- Receio que os chineses... - A Entidade Suprema voltou a recostar-se, agora com uma dúvida ainda maior – Mas vamos lá ver uma coisa! Ele disse para onde queria ir? Apear-se onde?... No céu ou no inferno?

- Isso não ficou claro – sublinhou o assessor a franzir os lábios.

- Bem, temos de agir já, não temos?

- O relatório... não nos deixa grandes possibilidades.

A Entidade Suprema encolheu os ombros, pegou na folha com a frase do professor, fez-lhe dois rabiscos por baixo e estendeu-a ao assessor – Avance!

Minutos depois, materializava-se na terra, junto à varanda do professor Fagundes Migalha, uma escadaria à maneira da Broadway, com um primeiro lance de degraus com três metros de largo e que um pouco mais a cima se dividia em duas. Um pouco mais atrás, um morcego ficou suspenso no ar, numa quietude de personagem de Matrix. Tudo estava parado. Excepto o professor Fagundes Migalha.

Numa espécie de êxtase de quem contempla uma sarça-ardente, o professor saltou a balastrada da varanda e alcançou com o pé o primeiro degrau. Sentiu que pisava chão firme e começou a subir. Mas quando a escadaria se dividiu em duas, parou. Percebeu que de um lado tinha o caminho do inferno e do outro, o do paraíso. Hesitou como quem se prepara para uma qualquer eternidade, respirou fundo e olhou para trás. Lembrou-se então dos chinelos puídos, do vaso com a sardinheira, da borbulha com betadine e voltou a olhar em frente.



De repente, o professor viu uma estrela cadente atravessar o céu e ficou parado, à espera de perceber as consequências profundas daquele fenómeno celeste. Afinal, o universo não estava parado. Apenas a terra. E do olho esquerdo, começou a correr-lhe um fio de lágrimas, claramente espremidas pelo diabo.

- Mais uma mentira! Até o céu foi capaz de me mentir...